

## Noventa anos de Helio Jaguaribe<sup>2</sup>

Foi apenas por uma questão circunstancial que, ano passado, em Marataizes, no Espírito Santo, revelei haver lido por inteiro a dois autores: o historiador José Honório Rodrigues e o cronista Rubem Braga.

Em verdade, há também outros e um deles é o cientista político Helio Jaguaribe com quem completei a formação em ciências sociais, delineada através de José Honório, Benedetto Croce e Arnold Toynbee.

Isso porque se Croce e Rodrigues me induziram à história presente — “a história não é o passado, mas o tempo”, como passei a sustentar — e o inglês, a certo acento culturalizante, foi com Jaguaribe que sedimentei a formação em ciência política. A esta caberia a aplicação da história, como um dos traços característicos do aparelhamento conceitual jaguaribeano.

Essa a razão por que, mesmo sem comparecer ao Rio de Janeiro, acompanhei com o maior interesse a jornada cultural dos 90 anos do imenso preceptor que nunca me faltou. Constante de debates em torno de sua obra — efetivados a 26 de novembro de 2013, no auditório do IHGB, sob a coordenação do historiador Arno Wehling, com a participação dos professores Aldo Ferrer<sup>3</sup>, Bolívar Lamounier, Cândido Mendes, Celso Lafer, Francisco Weffort e embaixador Samuel Guimarães —, ela registrou o (re)lançamento de três livros, propiciados pela Fundação Alexandre de Gusmão: *Introdução ao desenvolvimento social, O nacionalismo na atualidade brasileira* e *Estudos filosóficos*.

De minha parte, lamentei apenas a ausência de *Desenvolvimento econômico e desenvolvimento político* (1969), como livro-chave do universo jaguaribeano.

Isso porque, cristalizando o modelo bismarquista-napoleonista ou neo-bismarquiano do autor, no essencial favorável a Estado não cartorial que,

**1.** Historiador e cientista político paraibano, com doutorado pela USP, professor de direito do UNIPÊ e assessor da Secult. Integrante dos IHGB, IHGP, APL, autor de *Da resistência ao poder — O (P)MDB na Paraíba* (1965/1999). Campina Grande: EDUEPB, 2010; e *História da Paraíba — Lutas e Resistência*. 13ª Ed. João Pessoa: A União, 2014.

**2.** Exposição procedida em agosto de 2014, no Rio de Janeiro, durante o 2º Congresso Internacional do Centro Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento.

**3.** Ver FERRER, A. et al., 2000. Com relevo para as abordagens de Thomas Skidmore e Torquato di Tella, o primeiro em inglês e o último em espanhol.

por meio de competências delegadas, acionaria o desenvolvimento, esse livro está para Jaguaribe como *Casa grande e senzala* (1933) para Gilberto Freyre, *Formação econômica do Brasil* (1956) para Celso Furtado, *Aspirações nacionais* (1963) para José Honório e *Os donos de poder* (2ª Ed. revista em 1973 sobre a 1ª Ed. de 1958) para Raymundo Faoro. Quer dizer, deles provieram as demais criações desses autores.

Assim, se em *Breve notícia sobre a própria obra*, do livro *Pensamento original made in Brazil* (DANTAS; ALONSO, 1999), o antigo animador do grupo de Itatiaia reparte-se entre o intelectual, o empresarial e o homem público, é outra a perspectiva em que nos situamos.

Para nós, colocando o pensamento como eixo de sua posição diante do cosmos — para recorrermos às expressões de Max Scheller —, Jaguaribe tornou-se um **intérprete do Brasil**, o que já se configurava com os *Cadernos de nosso tempo* e o binômio Itatiaia/Ibesp dos anos 1950.

Pois bem. O livro que condensa essa orientação é *Desenvolvimento econômico e desenvolvimento político* (1969), o qual, coerentemente precedido por *O nacionalismo na atualidade brasileira* (1958), geraria série de obras comprometidas com a realidade brasileira.

Tais *Brasil, crisis y alternativas* (1974); *Alternativas do Brasil* (1989); *Crise na República* — 100 anos depois: Primeiro ou quarto mundo (1993); *Sociedade, Estado e partidos na atualidade brasileira* (1993); *Brasil, 2000* — Para um novo pacto social (1986); *Brasil: Reforma ou caos* (1989); *Brasil, alternativas e saída* (2002), e, antes de todos, as entrevistas coletivas de *A Nova República – O Nome e a coisa* (1985) e o projeto coletivo de *Brasil, sociedade democrática* (1985).

Cada um destes apresenta especificidades. Se *Brasil, crise e alternativas* foi apresentado por Carlos Castelo Branco como iniciador da chamada “safra da distensão”, *Alternativas do Brasil* revela rigorosa radiografia do Estado Brasileiro — “incompetente, insolvente e corrupto”.

Calçados por apocalíptica entrevista à revista *Veja*, de 15 de novembro de 1989 — *O espectro do caos* —, *Brasil 2000* e *Reforma ou caos* foram interpretados como catastróficos, mas esse o seu lado formal. No essencial, se articulavam com a problemática mundial de um país que ia ficando para trás. Essa a razão por que, na coletânea *Brasil, sociedade democrática* (1985), coube-lhe discorrer sobre a democracia universal, ficando a brasileira a cargo do mineiro Francisco Iglésias.

Tal se verificava porque Helio Jaguaribe nunca se fechou para o Brasil. Legítimo cidadão do mundo, abriu-se para a América Latina como primeiro estágio de trajeto que o conduziria ao universo. Entrosado com as experiências empresariais de Latinoequipe,<sup>4</sup> o continentalismo jaguaribeano fluiu em, pelo menos, três sólidos ensaios: *Problemas do desenvolvimento Latino-americano* (1967), *Crises e alternativas da América Latina* (1976) e *A proposta social-democrática* (1989).

4. Latinoequipe era uma holding, sob a direção de Helio Jaguaribe, destinada a financiar equipamentos para países da América Latina.

Se o primeiro deles cresce com a caracterização do regime militar brasileiro como de “fascismo colonial” e as análises das ideias dos peruanos José Carlos Mariategui e Haya de La Torre, o último reflete a práxis partidária de Helio Jaguaribe, agregado à executiva nacional do PSDB.

A América Latina, cuja experiência latino-americana da social-democracia é minuciosamente dissecada com o concurso de pensadores do continente em *A proposta social-democrática*, representa para Helio Jaguaribe um patamar para o mundo.

Datam daí, as criações universalizantes do livro *Novo cenário internacional* — Conjunto de estudos (1986), o ciclópico *Um estudo crítico de história* (2 vols., 2001) e *Brasil, mundo e homem na atualidade* (2008). Congregando sólido conjunto de estudos, este último reafirma a insistência de considerar o Brasil sempre diante e dentro do mundo, mas o mais importante de todos é *Um estudo crítico*. Precedidas da brochura *A critical study of history* (2000), onde o conceito de modernidade se encontra magistralmente sistematizado, as mais de mil páginas jaguaribeanas expressam como pontos altos a base da sociedade humana no culto dos mortos e a subordinação das conquistas romanas ao primado da lei. Daí adveio o Direito Romano.

Teorizante em obras como *Desenvolvimento político* (1975) e *A democracia grega* (1981), consultando esta última suas primitivas inspirações filosóficas, Helio Jaguaribe experimentou certa reorientação ao aproximar-se dos 80 anos.

Considerando que “Deus (deploravelmente) não existe, mas existe a transcendência”, o que o aproxima de certo iluminismo religioso, com a divindade no homem, o criador do Iseb sintonizou sua senectude com vigorosa reflexão sobre esses valores.

Dataram daí *Transcendência e mundo na virada do século* (1993), *Brasil, homem e mundo* — Reflexão na virada do século (2000) e *O posto do homem no cosmos* (2006), cada um mais criativo que o outro.

Do ex-professor de Harvard e Stanford, haveria outros estudos a considerar como o ensaio *Brasil: Estabilidade social pelo colonial-fascismo?* da coletânea *Brasil: Tempos modernos*, coordenada por Celso Furtado, a partir de uma recomendação de Jean-Paul Sartre, mas o que agora nos interessa são os (re)lançamentos da manifestação de novembro, no Instituto Histórico.

*Introdução ao desenvolvimento social* ([1979], 2013) — do qual o autor se valeu para intervenção no III Seminário Paraibano de Cultura Brasileira que resultaria na coletânea *Brasil, tempo e cultura III* (1980), onde se encontra a conferência de Helio Jaguaribe. intitulada *História e política: Uma abordagem crítica* — visa a situar os problemas de uma sociedade não repressiva, como especificado no subtítulo da primeira edição.

Das publicações ensejadas pela Fundação Alexandre de Gusmão, *Estudos filosóficos e políticos* conjuga duas predileções do autor: filosofia e política. Para a

coordenadora Anna Maria Jaguaribe, filha do autor, a coletânea tornou-se oportuna ao relacionar *Introdução ao estudo crítico da História e Propostas helenísticas e demandas contemporâneas* em filosofia e história, e *Que é o ademarismo e Evolução política do Brasil*, nos estudos sobre a Polis.

Enfim, foi enorme o acerto da inclusão de *O nacionalismo na atualidade brasileira* (1958), na trilogia da FAG. Esse ensaio, sobre o qual oportunamente me pronunciarei, representa “o espírito contra o leviatã”, ou seja, a plenitude da vocação crítica jaguaribeana que, com ele, afrontou a intolerância juvenil da UNE e as maquinações do sociólogo Guerreiro Ramos.

Enquanto a primeira solicitava insólitas explicações sobre o conteúdo do estudo, absurdamente queimado em praça pública, Guerreiro — “já fizemos a revolução de fevereiro, partamos agora para a de outubro” — buscava extrair proveito pessoal do episódio.

Com *O nacionalismo na atualidade brasileira*, Helio Jaguaribe não fez senão considerar o nacionalismo como categoria histórica — que, indispensável naquele momento, necessariamente passaria — e a Petrobras como senhora de monopólio que se flexibilizaria para melhor rendimento da empresa.

O que Helio Jaguaribe tinha em vista eram os contratos de risco e concessões na área da petroquímica que o futuro confirmaria. À época, todavia, a estreiteza e a intolerância tanto se conjugaram que a discussão do tema prenunciou sua saída do Iseb e o controle deste pelo Partido Comunista.

Pior para esse que transformou o Instituto em sucursal ideológica e para o Iseb que se isolou. Mas não para o cientista político que seguiu em frente, na construção de obra verdadeiramente luminosa e sintonizada com a habitual saudação da abertura de nossos telefonemas:

- Professor Helio Jaguaribe, viva!...

§

## Referências

- ARRUDA MELLO, J. O. Exposição ao ensino do centenário do cronista Rubem Braga. Espírito Santo, 2013.
- CASTELO BRANCO, C. A safra da distensão. In: *Jornal do Brasil* — Coluna do Castelo. Rio de Janeiro, ago.1974.
- CROCE, B. *A história, pensamento e ação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1962.
- DANTAS, R. A.; ALONSO, A. *Pensamento original — made in Brazil*. Rio de Janeiro: Editora Oficina do Autor, 1999.
- DEBRUN, M. O jogo das ideologias. In: *Revista Veja*. São Paulo, 14/01/1976.
- FERRER, A. et al. *Estudos em homenagem a Hélio Jaguaribe*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- JAGUARIBE, H. *O nacionalismo na atualidade brasileira*. Rio de Janeiro: Iseb, 1958.
- \_\_\_\_\_. *Problemas do desenvolvimento latino-americano*. Estudos de Política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- \_\_\_\_\_. *Desenvolvimento econômico e desenvolvimento político*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- \_\_\_\_\_. *Brasil, crises e alternativas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Desenvolvimento político*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- \_\_\_\_\_. *Crises e alternativas da América Latina*. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Brasil: Estabilidade social pelo colonial-fascismo*. In: FURTADO, C. (Coord.). *Brasil: tempos modernos*. 3ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Introdução ao desenvolvimento social*. Rio de Janeiro: Paz e Terra [1979], 2013.
- \_\_\_\_\_. Iseb — Um breve depoimento e uma reapreciação crítica. In: *Cadernos de Opinião*, n. 14, out-nov. 1979.
- \_\_\_\_\_. *Brasil, tempo e cultura III*. João Pessoa: DGC/SEC, 1980.
- \_\_\_\_\_. *A democracia grega*. Brasília: Editora Universitária de Brasília, 1981.
- \_\_\_\_\_. O experimento democrático na história. In: \_\_\_\_\_. et al. *Brasil, sociedade democrática*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.
- \_\_\_\_\_. et al. *Brasil, 2000 — Para um novo pacto social*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Novo cenário internacional* — Conjunto de estudos. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Alternativas do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1989.
- \_\_\_\_\_. et al. *Brasil: Reforma ou caos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- \_\_\_\_\_. O espectro do caos (entrevista). In: *Revista Veja*, 15/11/1989.
- \_\_\_\_\_. et al. *A proposta social-democrática*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Crise na República — 100 anos depois: Primeiro ou quarto mundo*. Rio de Janeiro: Thex Editora, 1993.
- \_\_\_\_\_. et al. *Sociedade, Estado e partidos na atualidade brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- \_\_\_\_\_. et al. *Transcendência e mundo na virada do século*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1994.
- \_\_\_\_\_. Breve notícia sobre a própria obra. In: DANTAS, R. A.; ALONSO, A. (Org.). *Pensamento original made in Brazil*. Rio de Janeiro: Editora Oficina do Autor, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A critical study of history*. Special volume. Rio de Janeiro: IEPS, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Brasil, homem e mundo — Reflexão na virada do século*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Um estudo crítico de história*. 2 vols. S. Paulo: Paz e Terra, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Brasil, alternativas e saída*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- \_\_\_\_\_. *O posto do homem no cosmos*. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- \_\_\_\_\_. Democracia e governança no mundo, América Latina e Brasil. In: *Revista do UNIPÊ*, n. 1, ano XI. João Pessoa: UNIPÊ, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Brasil, mundo e homem na atualidade*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.
- MOTA, L. D. *A Nova República — O Nome e a coisa*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RODRIGUES, J. H. *Teoria da história do Brasil* (Introdução Metodológica). 4ª Ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1978.
- SODRÉ, N. W. História do Iseb. In: *Revista Temas*, n. 1, 2 e 4. São Paulo: Grijalho, 1977, 1978.
- \_\_\_\_\_. História da história nova. Petrópolis: Vozes, 1986.
- TOLEDO, C. N. *Iseb: Fábrica de ideologias*. 2ª Ed. São Paulo: Ática, 1978.
- TOYNBEE, A. J. *O mundo e o ocidente*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1955